



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do terminal de desembarque internacional do
Aeroporto de Navegantes**

Navegantes-SC, 22 de julho de 2004

Meu querido amigo e companheiro, governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique,

Meu querido companheiro José Fritsch, secretário especial de Pesca e Aquicultura,

Minha querida senadora Ideli Salvatti,

Meu querido senador Leonel Pavan,

Meu companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu caro deputado João Matos,

Meu caro deputado Edson Bez de Oliveira,

Meu caro Milton Mendes, presidente da Eletrosul,

Meu querido companheiro Décio Lima, prefeito de Blumenau,

Meu caro Pedro, prefeito de Chapecó,

Meu companheiro Mescolotto, presidente do Besc, que ontem comemorou 42 anos, e não foi privatizado. O Besc, porque ele já fez 30.

Meus queridos amigos deputados,

Jornalistas,

Funcionários da Infraero,

A nossa passagem por Navegantes para inaugurar mais essa obra da Infraero tem como objetivo mostrar ao povo de Santa Catarina que nós estamos levando muito a sério e tendo a certeza de que o Brasil entrou num caminho de desenvolvimento que não terá retorno.



Nós todos, do governo, estamos convencidos de que um país com a necessidade de crescimento que tem o Brasil, com a necessidade de geração de empregos que tem o Brasil e com a necessidade de distribuir renda que tem o Brasil não pode mais se dar ao luxo de ficar tendo bolhas de crescimento, crescendo um ano e decrescendo nos anos seguintes. Nós estamos convencidos de que o Brasil entrou numa rota de crescimento sustentável e queremos que esse crescimento seja um ciclo de crescimento que possa perdurar 10, 15 ou 20 anos, para ver se nós recuperamos o nosso tempo perdido.

É importante que ninguém esqueça que em 1970 o Brasil tinha 90 milhões de habitantes e que em 34 anos o Brasil praticamente dobrou a sua população. Por que eu estou dizendo isso? É porque nesses 34 anos o Brasil não teve momentos de crescimento. Crescíamos um ano ou, às vezes, decaíamos no outro ano. O dado concreto é que nós tivemos 20 anos consecutivos sem crescimento econômico. Ora, se a população de 90 milhões chega a 180 milhões, praticamente dobrando e, no mesmo período, a economia não cresce, o resultado que nós colhemos é o resultado do empobrecimento da nação brasileira.

Foi por isso que nós assumimos a responsabilidade de não pensar no Brasil apenas para um mandato de um presidente, que é, na minha opinião uma das deficiências da administração pública do Brasil. Cada governante pensa apenas no seu mandato e não se estabelece uma projeção de 20 ou 30 anos para que se possa fazer grandes obras que signifiquem mudanças estruturais na economia e na infra-estrutura brasileira. Por isso nós assumimos a responsabilidade, Governador, de ter um 2003 muito difícil, de fazer todos os sacrifícios que deveríamos fazer no ano de 2003, com a seriedade que uma família faz para poder adquirir um bem necessário à família. Às vezes, ficamos sem comprar uma roupa nova; às vezes, ficamos sem ir jantar ou almoçar no restaurante; às vezes, não compramos um brinquedo para os nossos filhos,



porque queremos adquirir um bem que possa aumentar o nosso patrimônio. Nós preferimos agir assim, fizemos tudo que tínhamos que ser feito em 2003 para preparar o Brasil para o crescimento em 2004, 2005, 2006 e, quem sabe, 2007, 2008, 2009, 2010, e que não pare mais de crescer. Para isso, nós tivemos que tomar algumas medidas que eram importantes serem tomadas e nem todo mundo teve coragem de tomar. Fizemos as duas principais reformas que o Brasil precisava fazer, reformas difíceis, que poucos governos no mundo assume fazê-las, e nós a fizemos porque entendíamos que fazendo a reforma, tal como fizemos, não estaríamos pensando apenas no mandato do presidente Lula ou na geração do presidente Lula, mas estaríamos preparando o país para que os meus netos pudessem ter a certeza que, daqui a 30 ou 40 anos, tivesse um estado que pudesse garantir a eles uma aposentadoria digna sem que quebrasse, como acontece hoje na maioria dos estados brasileiros.

A segunda era estabelecer uma política tributária que significasse, ao longo do tempo, reduzir a carga. E isso não acontece com facilidade, porque cada segmento da sociedade tem uma política tributária na cabeça, ou seja, até chegar a um consenso... e aí eu quero, mais uma vez, dizer que sou grato ao comportamento dos governadores, a começar pelo governador Luiz Henrique, que em nenhum momento se recusou a ir a Brasília, a discutir, e a se preocupar com a necessidade de fazermos uma reforma tributária que ainda estamos longe de aperfeiçoá-la mas, certamente, já demos um passo extremamente importante. Mandamos para o Congresso Nacional todas as leis que entendíamos que era preciso mandar para tornar o Brasil mais ágil e para que pudéssemos atrair tanto investimento do capital interno como investimento do capital externo. E, agora, começamos a colher os frutos. Ainda falta aprovarmos a PPP, a Parceria Público Privada, que está no Senado, mas já aprovamos muitas coisas. E eu acho que isso agora está aparecendo para a opinião pública, está aparecendo para o povo brasileiro como o saldo do trabalho de um Poder Executivo e de um Poder Legislativo que trabalharam



com nunca se trabalhou no nosso país.

Qual é o resultado disso? O resultado disso é que nós estamos batendo, mensalmente, recordes de exportações, não apenas de exportações de produtos in natura, de soja ou de minério de ferro, mas exportando manufaturados, numa demonstração de que o Brasil está se preparando rapidamente para disputar o seu espaço numa nova geografia comercial que haveremos de consolidar logo, logo.

Ao mesmo tempo começamos a sentir, por todos os indicadores, que a economia volta a crescer, surpreendendo até alguns analistas mais pessimistas que entendiam que a economia não ia crescer. E qual é o grande salto disso? O grande salto é que nós temos setores da nossa indústria crescendo acima de 30%, crescendo acima de 25%. Um dos setores que mais marcam o crescimento é a indústria de cimento, que ontem me comunicou que teve um crescimento, no mês de junho, de 5%. Isso demonstra que a construção civil, onde tínhamos perdido 50 mil postos de trabalho no ano passado, já gerou 60 mil novos postos de trabalho este ano. Ou seja, já recuperamos o que tínhamos perdido e já temos 10 mil a mais, numa demonstração de que a construção civil começa a ser recuperar de forma vertiginosa. E por que isso é importante? É importante, Governador, porque nós, entre 11 de dezembro do ano passado e 20 de maio deste ano, assinamos contratos para saneamento básico que significam 14 vezes mais do que foi feito de 1999 a 2002; significa praticamente quatro vezes mais do que foi feito de 1995 a 2002. E nós entendemos que o investimento em saneamento básico começa a gerar empregos não no dia que a gente anuncia o contrato, mas cinco ou seis meses depois do contrato, da licitação e do começo das obras, melhorando a qualidade de vida das pessoas.

Nunca, na história deste país, a agricultura familiar teve a oportunidade de conseguir sacar 83% do dinheiro que nós disponibilizamos. O máximo a que tinha chegado era 53%. Na safra 2003/2004, já foram praticamente 83%. Nós



pulamos de 5,4 bilhões, este ano, para 7 bilhões na safra 2004/2005.

Por que estamos fazendo isso? Porque não adianta continuar assentando um trabalhador no campo e, do outro lado, quem tem a terra está saindo do campo porque não tem crédito. Nós queremos garantir que aqueles que estão no campo, produzindo para si e para sua família, tenha o direito de ter um tratamento bancário, no Banco do Brasil, no BESC e em tantos bancos, como tem um grande empresário quando vai tomar dinheiro emprestado. Porque o respeito não tem classe, o respeito não tem origem social, o respeito é um comportamento ético do ser humano e nós queremos que o pequeno seja tratado com o mesmo carinho com que é tratada qualquer outra pessoa neste país.

Pela primeira vez, o Nordeste e o Norte deste país tiveram acesso ao dinheiro do Pronaf. Criamos uma coisa que é garantir à mulher do trabalhador rural um crédito diferenciado do dele. O marido pode pegar dinheiro para financiar a sua agricultura, mas a mulher não precisa ficar dependendo do marido. Ela vai ao banco, faz o seu projeto e retira o seu dinheiro. Criamos também para o menino de 18 anos que pertença a uma família e queira produzir alguma coisa, independentemente do pai ou da mãe. Ele também vai poder chegar no Banco do Brasil e nos bancos públicos e retirar o dinheiro do seu projeto.

Tudo isso está gerando uma coisa importante, Governador, do dia 1º de janeiro ao dia 1º de julho deste ano, nós geramos neste país 1 milhão, 34 mil e 260 novos empregos, todos empregos com carteira profissional assinada. Sem contar a empregada doméstica, sem contar o funcionalismo público municipal, estadual ou federal, mas apenas aqueles que são contratados pela CLT, e sem contar aqueles que entraram na economia informal.

Nós achamos que vamos continuar crescendo, crescendo muito e crescendo bem nos mais diferentes setores da economia brasileira. Por isso



estamos aqui inaugurando este aeroporto. Em 18 meses de governo já participei de inaugurações de aeroporto em vários estados do país e eu duvido que isso tenha ocorrido em algum momento da história do Brasil.

A Infraero nunca se dedicou tanto, como está se dedicando neste governo, a reformular todos os aeroportos brasileiros, dando a eles condições não apenas de tráfego humano, mas também de criarmos possibilidades para termos terminais para exportar os produtos que o brasileiro sabe produzir muito bem. E este aeroporto, aqui, é uma demonstração, e ainda vai fazer uma fachada bonita para ficar bonito como a cidade, ou seja, não basta ter uma pista boa. Nós vamos fazer, ainda, o aeroporto de Florianópolis, é uma certeza que eu disse ao Carlos Wilson: nós temos que inaugurar, no mais tardar em agosto de 2006, porque senão nós fazemos e depois vem alguém querer inaugurar a obra que fizemos. Nós mesmos vamos inaugurar, não podemos deixar o prato feito para alguém comer depois.

Isso faz parte de uma política de infra-estrutura. Nenhum país do mundo conseguirá dar um salto de qualidade na sua relação comercial se ele não tiver obras de infra-estrutura que possam desobstruir todos os gargalos que estão criados hoje no nosso país.

Vocês sabem, meus companheiros e minhas companheiras, que sem infra-estrutura, sem energia elétrica, sem estradas, sem ferrovias, sem portos e sem aeroportos, fica difícil termos competitividade com o chamado mundo desenvolvido. É por isso que nós, do governo, trabalhamos com a certeza de que o ano de 2004 está ganho, do ponto de vista do crescimento econômico. E estamos preparando o ano de 2005 para enfrentarmos, para fazermos licitação, quem sabe ainda no final deste ano ou, quem sabe, no começo do ano que vem, das principais obras de infra-estrutura que o Brasil precisa, a começar da dragagem dos nossos portos, a grande maioria está precisando de um bom tratamento.

Este ano, ainda, a questão da 101, a nossa querida estrada, rodovia da



integração, ligando Santa Catarina a todo o Mercosul. Essa estrada que já está autorizada a sair há tanto tempo - depois os deputados vão me entregar um documento aqui – não saiu até agora porque embora tivesse dinheiro do governo federal, tinha um problema no contrato com o dinheiro do Banco Interamericano, que não liberaria o dinheiro. Foi necessário fazer um contrato e essa obra vai começar. E essa obra é tão importante que, certamente, será construída através da PPP, porque é uma estrada que, economicamente, será muito rentável para o Brasil, para a Argentina e para todo o Mercosul. E obviamente que Santa Catarina ganhará muito com isso, o Rio Grande do Sul ganhará muito com isso, São Paulo ganhará muito com isso, o Paraná ganhará muito com isso.

Mas, ao mesmo tempo, nós estamos trabalhando, pensando a questão da energia elétrica. Nós não podemos permitir e não vamos aceitar que um país que precisa crescer a 5% ou 6% ao ano venha a ter um apagão, como o que tivemos em 2001. E sabemos, todos nós, que para fazer obra de energia elétrica, você não anuncia hoje para produzir energia amanhã. Você anuncia hoje para produzir energia daqui a 3, 4, 5 anos ou até mais anos, dependendo o tamanho da hidrelétrica que você for construir.

Ao mesmo tempo, meu caro Fritsch, e meus companheiros aqui da região, sobretudo Itajaí, é com muito orgulho que eu posso dizer para vocês: recuperamos a indústria naval brasileira, não apenas para construir as plataformas marítimas da Petrobrás, mas para construir navios e, se Deus quiser, construir muitos barcos pequenos para os pescadores brasileiros, financiados pelo BNDES.

Ontem, Luiz Henrique, eu tive uma grata surpresa: nós vamos construir no Brasil um dos estaleiros mais modernos do mundo para produzir plataformas e competir com qualquer país do mundo e, se Deus quiser, ele será feito no estado do Carlos Wilson, uma homenagem a ele, no estado de Pernambuco.



Eu tenho recebido informações de investimentos em ferrovias. Nós precisamos recuperar vários trechos de ferrovias que estão paralisados. Por isso a minha vinda aqui tem esse significado. Nós sabemos que o crescimento econômico de um país não se dá pelos belos olhos do Presidente ou pela vontade apenas do Presidente. O crescimento de um país se dá pelas políticas coerentes que o governo coloca em prática, pela confiança despertada junto aos empresários brasileiros, pela confiança despertada junto aos empresários estrangeiros e, sobretudo, pela confiança despertada na consciência de cada homem e de cada mulher no nosso país.

Todo mundo sabe que se nós não tivermos confiança, se nós não acreditarmos em nós mesmos, porque outros haveriam de acreditar em nós? Por que o empresário brasileiro vai investir se o governo não investe? Por que o empresário estrangeiro vai investir se o brasileiro não investe? Então, nós precisamos criar uma espécie de corrente, não de ufanismo, mas uma corrente de otimismo, uma corrente positiva, uma corrente de energia sadia que demonstre que não tem porque o Brasil não recuperar o tempo perdido. Se nós passamos 20 anos sem crescer... Nós, agora, temos a obrigação de crescer 20 anos seguidos, para ver se a gente dá ao povo brasileiro aquilo que o povo brasileiro merece, que é a dignidade, o respeito e a cidadania às mulheres e homens do nosso país.

Eu queria terminar dizendo aos pescadores que o Fritsch vai falar depois com a imprensa, aqui, sobre a questão dos pescadores e sobre uma decisão do Ibama, o Fritsch vai explicar o que aconteceu e o que vai acontecer.

E quero chamar agora os deputados para me entregarem uma carta da construção da BR 101.

No mais, para terminar, eu queria dizer para vocês o seguinte sobre este Estado aqui: eu penso que quando Deus veio ao mundo e passou pelo Brasil, ele deu a Santa Catarina uma das mais extraordinárias belezas que nós temos no planeta Terra. Eu conheço muito o mundo, graças a Deus, por conta do PT,



por conta da CUT, por conta de vocês que me deram apoio, eu viajei muito. E já tive a oportunidade de passar várias férias aqui, em Santa Catarina. E eu acho que o governador Luiz Henrique tem razão, os argentinos já descobriram Santa Catarina há muito tempo. Mas, muitas vezes, é até difícil vir aqui porque as estradas não são das melhores, porque muitas vezes não há facilidade. Nós precisamos criar essa facilidade porque nos interessa trazer os turistas para cá e também interessa que brasileiros visitem a Argentina, afinal de contas nós somos pela integração da América do Sul e queremos que o povo transite com mais liberdade.

Nós, pela primeira vez, criamos o Ministério do Turismo no Brasil. Antigamente era Ministério do Turismo e Esportes, ou seja, nem cuidava de esporte, nem cuidava de turismo, porque são duas coisas totalmente distintas. Nós criamos um Ministério do Turismo, que tem no ministro Mares Guia um dos companheiros mais extraordinários e mais otimistas.

E nós achamos que o turismo é propaganda. Ninguém vai num lugar se não conhece o lugar. Muitas vezes, a imagem que se tem do Brasil, lá fora, é a imagem da criança de rua, a imagem da violência ou de que o Brasil só tem carnaval e futebol. É verdade que o Brasil tem criança de rua, é verdade que o Brasil tem violência, é verdade que o Brasil tem futebol e é penta campeão, é verdade que o Brasil tem carnaval e é o melhor do Brasil, mas o Brasil não tem só isso. O Brasil tem, possivelmente, um dos povos mais cordatos do mundo. Quem sabe, não tenha no Planeta nenhum povo mais receptivo que o povo brasileiro. O povo brasileiro é tão receptivo que, quem conhece um brasileiro, com três horas já pensa que conhece há 30 anos, tal é o carinho com que nós tratamos as pessoas.

Nós temos a beleza da natureza como nenhum outro país do mundo tem. Eu, quando vejo muitos turistas indo para o Niágara, nos Estados Unidos, e vejo o que é a nossa Foz do Iguaçu, eu fico imaginando quantos turistas poderíamos ter. Agora, para o turista vir para cá não depende de nenhum



estrangeiro, depende de nós, depende da qualidade dos serviços que nós oferecemos, depende da qualidade do tratamento que nós dermos para eles e das facilidades que oferecermos para eles, se nós temos o interesse. Então, você fez muito bem, meu caro, nós temos que viajar o mundo mostrando as coisas boas do Brasil, mostrando a competência do Brasil, mostrando aquilo que o Brasil tem de bom, porque as coisas ruins os nossos inimigos mostrarão. Nós temos que mostrar é aquilo que pode. Até porque nós temos competidores, nós temos gente que disputa turistas conosco. Então, nós temos que oferecer coisas cada vez melhores. As pessoas têm que se preparar e se qualificar para atender os nossos turistas, os hotéis precisam dar tratamento, e nós temos isso.

E este Estado aqui tem uma das costas marítimas mais fantásticas que o mundo produziu. Então, se Deus foi tão bom conosco, nos dando um Estado como este, sejamos apenas honestos com Deus, que nos deu isto. Vamos tratar isto aqui com o carinho com que nós tratamos a nossa família.

Muito obrigado, meus parabéns e boa sorte ao povo de Santa Catarina.

/cms/rss/vpm/